

ULYSSES PERNAMBUCANO E O SERVIÇO DE HIGIENE MENTAL: A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA ANTROPOLOGIA EM PERNAMBUCO

Thaís de Aguiar Leal Domingues¹ ; Roberta Bivar Carneiro Campos²

¹Estudante do Curso de Ciências Sociais - CFCH – UFPE; E-mail: thaisaguiar@gmail.com,

²Docente/pesquisador do Departamento de Antropologia e Museologia – CFCH – UFPE. E-mail: roberta.bivar@gmail.com

Sumário: O presente projeto tem por foco mostrar a importância do trabalho de Ulysses Pernambucano de Melo no que se refere à institucionalização da antropologia em Pernambuco. Nesse âmbito, tornou-se essencial ao desenvolvimento do trabalho voltar o olhar para as trajetórias e produções de Pernambucano e dos demais integrantes do Serviço de Higiene Mental do Hospital de Alienados do Recife (SHM): nomes de grande importância dos primeiros passos para a consolidação de estudos socioantropológicos sobre a temática da religião no Brasil. Especificamente, será dado destaque a Pernambucano, fundador do SHM, e sua influência sobre as importantes figuras que tiveram grande impacto no crescimento da Antropologia da Religião em Pernambuco. No SHM, Ulysses desenvolveu variadas pesquisas de cunho estatístico e etnográfico, entre elas, realizou investigação sobre os cultos afro-brasileiros. A abordagem dos cultos pelo psiquiatra, com clara influência do culturalismo freyreano, visava uma medicina social, de caráter preventivo, onde a religiosidade negro-africana deixa ser vista como doença e passa a ser compreendida como manifestação da tradição cultural africana em solo brasileiro. É através desses estudos, publicados na Revista Neurobiologia e Assistência a Psicopatas, além de teses de cientistas sobre tal temática, que esse trabalho será baseado.

Palavras-chave: afro-brasileira; repressão; religião; Serviço de Higiene Mental; Ulysses Pernambucano

INTRODUÇÃO

Este trabalho é de extrema relevância para a desmistificação das referências dos estudos sobre religião de matriz afro em Pernambuco, fato que ainda hoje gera invisibilidade de trabalhos acadêmicos no estado e na região norte-nordeste. Nesse sentido, busca-se afirmar a necessidade do reconhecimento do trabalho de Ulysses Pernambucano e sua equipe, assim como ocorre com a produção do maranhense Nina Rodrigues, a partir da relativização de seu trabalho, visto que esse também foi médico de formação acadêmica que atuou em estudos de áreas socioantropológicas. Em outras palavras, é clara a iniciativa de Pernambucano que promoveu a “popularização” do conhecimento sobre uma manifestação cultural e religiosa, a qual anteriormente era considerada um “tabu”. Essa “popularização” desencadeou um maior interesse pela religião que proporcionou a entrada do candomblé no meio acadêmico, além de um elo entre pesquisadores e membros da elite pernambucana com babalorixás e demais representantes de terreiros. Seus escritos, mesmo sendo em sua maioria apenas laudos, são citados em trabalhos de grande cunho etnográfico como “Xangôs do Nordeste” e “O Sincretismo Religioso no Brasil”, de autoria de Gonçalves Fernandes. Além disso, o psiquiatra, através do SHM, foi o primeiro a mapear os terreiros de Xangô na cidade do Recife, dessa forma facilitando o trabalho de futuros pesquisadores da área.

MATERIAIS E MÉTODOS

De maneira geral, a metodologia científica adotada para o desenvolvimento de tal pesquisa foi a coleta, análise e comparação de documentos como jornais e revistas, além de artigos, teses, biografias e documentações pessoais dos integrantes do Serviço de Higiene Mental, com ênfase em Ulysses Pernambucano. No procedimento de coleta de tais documentos foi utilizada a fotocópia e a fotografia digital. A aluna ainda teve a possibilidade de pesquisa a campo, em que assistiu a toques numa casa de candomblé e onde foram feitas entrevistas com uma importante mãe de Santo, a qual viveu na época da repressão policial aos terreiros e também presenciou o trabalho do SHM. Maria Helena Sampaio também concedeu entrevista a este projeto, a partir das lembranças do que membros antigos de sua casa relatavam quando mais jovens. A discussão desses dados foi feita a partir de encontros com a orientadora, doutorandos e demais colegas ligados ao projeto de Geopolítica, além de reunião com outros núcleos de estudos sobre religião. Os documentos e as informações obtidas foram analisados a partir da ideia de “deformação ideológica” elaborada por Cabral de Mello (2004), conjugada às noções de “*habitus*” e “campo” de Bourdieu (1982, 1983 e 1984). Os textos científicos foram então compreendidos como discursos, unindo isto a ideia de que eles devem também ser encarados como *textos* (GEERTZ, 1978) e *mitos* (LEACH, 1983), passíveis assim de um profundo trabalho de interpretação antropológica, na realização de uma meta-antropologia (RABINOW, 1999).

RESULTADOS

Primeiramente, é essencial entender o contexto histórico e social em que o Serviço de Higiene Mental se consolidou, além de sua própria biografia. Nesse sentido, é de extrema importância ter claro em mente que antes da implantação do SHM, os terreiros de candomblé eram considerados casos de desordem social (DANTAS, 2001) e devido a isso sofriam forte repressão policial. Isso pode ser comprovado através dos recortes encontrados sobre essa temática em jornais como Folha da Manhã e Jornal do Commercio, dos anos 20 e 30, sempre em páginas policiais. Isso acarretou no fechamento de várias casas, na agressão aos seus membros e no recolhimento de objetos pertencentes a eles.

O Serviço de Higiene Mental, por sua vez, deu-se início em um contexto de mudança no Hospital da Tamarineira, recém assumido pelo diretor Ulysses Pernambucano. Entre suas inovações, Ulysses promoveu o fim de tratamentos considerados “desumanos”, como os calabouços e tratamentos de choque, além da solicitação da saída da Santa Casa do hospital, ou seja, da administração controlada por uma instituição religiosa, a igreja Católica. Tornou-se claro que a atitude humanizada de Ulysses, não se deu apenas no tratamento de cura do enfermo: o mais importante de seu trabalho era a maneira como entendia que o meio social e cultural afetava o indivíduo. Assim, portanto, se tornava tão importante a profilaxia de tais “distúrbios” de ordem psiquiátrica. Com base no histórico da época, esse tipo de ação afirmativa era uma forma de integração daqueles indivíduos que estavam à margem da sociedade, e não tinham nenhuma oportunidade dentro dessa — incluindo os praticantes de candomblé — de se integrarem.

Portanto, a partir dessas questões apresentadas, pôde-se analisar, ao decorrer do projeto, a necessidade de um trabalho como o da equipe do SHM para a mudança do contexto das religiões de matriz afro em Pernambuco. Nesse período não foi encontrado nenhum autor que simultaneamente estudasse ou trabalhasse com tais religiões no estado: pelo contrário, foi observado que os autores que futuramente se dedicaram aos cultos afro no Recife, como Pedro Cavalcanti, Gonçalves Fernandes e mesmo pesquisadores contemporâneos, como Roberto Motta, citaram objetivamente em suas obras o próprio Ulysses e também alguns dos mais importantes integrantes do Serviço. Nesse vertente, o

mapeamento, pelo SHM, das casas de candomblé no estado e a observação dos rituais podem ter sido o ponto de partida para o trabalho desses estudiosos da geração posterior. Nessa perspectiva, Gilberto Freyre afirma, na abertura do III Congresso Afro-brasileiro (MOTTA, 1985) ter sido sob forte influência de Dr. Ulysses, seu primo, que teve a ideia de dar início ao Primeiro Congresso com essa temática. Além disso, Freyre também enfatizou a influência que Pernambucano sofreu de Franz Boas e do culturalismo antropológico, que levou ao afastamento do mesmo em relação às teorias biológicas e deterministas trabalhadas por Nina Rodrigues, por exemplo. O que trouxe ao projeto um questionamento essencial: por que, mesmo afastado dos estudos de ordem biológica ou médica, como os de Nina, Ulysses continua a ser desconsiderado em suas obras?

DISCUSSÃO

Esse trabalho busca entender por que os estudos sobre a religião em Pernambuco são desconsiderados nacionalmente a partir da argumentação de que seu início se deu através de médicos e métodos “higienistas”, que não devem ser considerados científicos. É certo que a abordagem do SHM não é, atualmente, uma das mais modernas e éticas, no entanto, sob o olhar voltado para o período histórico em questão, foi inovadora e progressista, principalmente ao ser recordado que antes de sua criação, os praticantes da religião eram considerados criminosos e dessa maneira tratados. Sob a perspectiva dos praticantes de candomblé que viveram a repressão policial nas casas das quais faziam parte, Maria Helena, filha biológica de uma contemporânea de Ulysses Pernambucano e importante mãe de santo em Recife, afirma que de acordo com os relatos de sua mãe, o terreiro do qual fazia parte, de Mãe Luíza de Oxalá, sofreu ação da repressão policial, com invasão e impedimento de seu funcionamento. Na época do Serviço de Higiene Mental, no entanto, recorda-se que o terreiro podia tocar a noite “todinha”, sem problema ou interferência nenhuma. Contudo, ressalta a importância do apoio político, de vereadores por exemplo, para o funcionamento do terreiro na época, além da participação de historiadores e advogados na religião, e da institucionalização da antropologia: profissionais que também tiveram grande impacto na luta pelo reconhecimento da religião. Pode-se inferir que eles, membros de uma classe social mais alta, puderam ter contato com a religião através dos trabalhos do SHM e da visibilidade dada à religião através do I Congresso Afro-Brasileiro. A filha de santo, por fim, reafirma a necessidade desses indivíduos para o crescimento e reconhecimento de seus cultos mas enfatiza, sobretudo o trabalho dos membros da própria religião, incluindo os orixás.

Outra mãe de santo também lembra que, embora muito nova, tinha que fazer um exame para poder tocar na casa e que os toques só podiam ser feitos depois da conversa com as “autoridades”. Ela diz que esse trabalho era feito “em todo canto”, inclusive no terreiro de Pai Adão, conhecido babalorixá no meio acadêmico, em que não ocorreu nenhuma alteração no sentido de fechamento e afastamento de filhos de santo. A mãe de santo ainda concorda que foi através desses exames que os terreiros conseguiram se manter abertos e isso minimizou a repressão aos mesmos. Tal fato remete à mãe Betinha, famosa ialorixá de Recife, a qual afirma que passou por três exames, pelos quais os médicos afirmaram que ela tinha “uma cabeça maravilhosa” e que ela não era doente, mas sim uma “mulher sábia” (SEEBER-TEGETHOFF, 2007). Isso comprova novamente a maneira humanizada como os médicos tratavam as pessoas que passavam por tais exames e a não condenavam as mesmas. Na verdade, é possível entender que a medicina era utilizada para comprovar cientificamente a “normalidade” dos praticantes da religião e, de certa forma, separar a figura do charlatão — membro da religião que se aproveitava da fé de indivíduos para utilizar métodos de cura da religião em troca de dinheiro e que passava uma imagem negativa dos membros do candomblé — da figura do verdadeiro curandeiro.

Ainda resta, no entanto, um questionamento central: “como é possível Pernambucano ser acusado de subversão ao mesmo tempo em que acusam a ele e a seu trabalho de antiquado e conservador, mesmo sendo nítido o reconhecimento dos próprios praticantes do candomblé em relação a seus estudos?”. O psiquiatra foi preso por 60 dias por subversão e após isso, afastado de seu trabalho no Hospital, mas não há nenhum indício de que essa acusação tenha fundo de verdade. Pelo contrário, é possível problematizar a partir de uma possível intenção política por trás de sua prisão: Ulysses provavelmente não estava agradando ao governo vigente — e a uma elite que não desejava a integração de indivíduos à margem na sociedade — através de suas ações inovadoras na psiquiatria social, no âmbito antropológico, religioso e, sobretudo, no meio social.

CONCLUSÕES

É possível concluir, portanto, que embora o Serviço de Higiene Mental seja visto de maneira muito negativa pela maioria dos pesquisadores da antropologia da religião, é notável a importância de seu trabalho na medida em que é analisada a decorrência desse em seu tempo histórico além das condições morais e valorativas que esses indivíduos tinham como base na época, ou seja, ao utilizar o relativismo cultural — artifício essencial para se fazer estudos antropológicos. Mesmo diante desses aspectos históricos, os integrantes do SHM foram capazes de desenvolver uma atividade que abriu os caminhos para os estudos contemporâneos sobre as religiões afro-brasileiras, com o intuito da “descriminalização” dos mesmos. Dessa forma, é possível afirmar que Ulysses Pernambucano não só promoveu mudanças no que se refere à visibilidade das religiões de matriz afro e ao desenvolvimento da pesquisa social e antropológica, mas também à integração do “doente” mental na sociedade e à conduta psiquiatria como um todo. Isso, no entanto, só foi possível ao ter em mente que a cultura, ou o meio social e econômico em que o indivíduo vive, era a principal causa para o surgimento de desequilíbrios emocionais, demais doenças e, principalmente, para o julgamento dessas pessoas pela sociedade.

Pôde-se observar também, através do conceito de “campo” de Bourdieu, as hierarquias presentes no meio acadêmico e a busca por poder. Devido a isso se torna difícil o reconhecimento de atores como Pernambucano e, na mesma vertente, Gilberto Freyre. Nesse sentido, o não reconhecimento de trabalhos como esses, do nordeste, implica na condecoração de trabalhos de autores do sul como Florestan Fernandes. Contudo, essa hierarquia pautada na formação médica dos integrantes do Serviço de Higiene Mental não tem fundamento, pois tudo indica que a intenção de Ulysses ao analisar a religião afro foi de mostrar que aqueles que poderiam ter QI menor ou indícios de problemas mentais assim seriam em consequência do contexto social no qual se encontravam: analfabetos, pobres, que tinham má alimentação e más condições de higiene. Dessa forma, suas ações foram uma maneira de denunciar a condição social a qual os negros eram submetidos: assim, o problema não estaria ligado à religião, mas a falta de oportunidade que tinham e ao julgamento que sofriam os indivíduos pertencentes a ela e que descendiam da etnia afro.

Finalmente, através de tais conclusões, foi identificada a necessidade de pesquisas futuras sobre como as categorias “charlatanismo” e “curandeirismo” foram construídas e aplicadas nos indivíduos pertencentes à religião, visto que era uma categoria tão difundida que mesmo os pais de santo faziam referência a ela para acusar seus “concorrentes”. É importante entender de que maneira essas categorias operaram na perseguição e na proteção de terreiros, além de buscar os possíveis motivos para essa diferenciação.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente meus agradecimentos ao CNPq, a CAPES e a UFPE. Em segundo lugar, mas não menos importante, a Profa. Roberta Campos, a Silvana Matos, Fabiana

Gama, Janayna Emídio, ao Prof. Hildo Leal, Prof. Carlos Miranda, a Pedro Germano, Lígia Gama e Maria Helena Sampaio.

REFERÊNCIAS

- Motta, R. 1985. Os Afro-Brasileiros (Anais). Editora Massangana. Recife.
- Geertz, C. 1926. A interpretação das culturas. LTC. Rio de Janeiro.
- Bordieu, P. O poder simbólico. Editora Bertrand Brasil S.A. Rio de Janeiro.
- Leach, E. 1983. O Gênesis enquanto um mito. Editora Ática. São Paulo.
- Seeber-Tegethoff, M. 2007. Grenzganzer: Uma consideração dos entrelaçamentos entre terreiro e Antropologia. In Revista ANTHROPOLOGICAS.
- Fernandes, G. 1937. Xangôs do Nordeste: Investigações sobre os cultos negro-fetichistas do Recife. Editora Civilização Brasileira S.A. Rio de Janeiro.
- Fernandes, G. O Sincretismo Religioso no Brasil.
- Hutzler, C. R. 1987. Ulysses Pernambucano: Psiquiatria Social. CI. & Trop. Recife.
- Lima, I. M. F. O BAIXOESPIRITISMO ENTRE OS INTELECTUAIS DO SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA AOS PSICOPATAS DO RECIFE. Dissertação de Doutorado. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.
- Campos, Z. 2008. O COMBATE AO CATIMBÓ: PRÁTICAS REPRESSIVAS ÀS RELIGIÕES AFRO- UMBANDISTAS NOS ANOS TRINTA E QUARENTA. Dissertação de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Cavalcanti, P. 1934. Contribuição ao estudo do estado mental dos mediums. In Revista de Assistência a Psicopatas. p. 135-145.
- Cavalcanti, P. 1933. Investigações sobre as religiões no Recife: uma seita panteísta. In Revista de Assistência a Psicopatas. p. 58-63.
- Pernambucano, U. & Campos, H. 1932. As Doenças Mentais Entre os Negros de Pernambuco. In Revista de Assistência a Psicopatas. p. 120-127.
- Pernambucano, U. 1932. Assistência a Psicopatas de Pernambuco. Ideas e Realizações. In Revista de Assistência a Psicopatas de Pernambuco. p. 3-57.
- Pernambucano, U. 1938. Recursos Modernos de Assistência aos Doentes Mentais. In Revista de Neurobiologia. p. 1-13.
- Freyre, G. 1941. Sociologia, Psicologia e Psiquiatria. In Revista de Neurobiologia. p. 3-16.
- Ribeiro, R. 1943. Professor Ulysses Pernambucano de Mello. In Revista de Neurobiologia.
- Ferraz, A. & Fernandes, G. 1940. Organização dos Serviços de Antropologia nas Penitenciárias do Estado de Pernambuco. p. 488-496.
- Borges, J. C. C. & Lima, D. C. 1932. Investigações sobre as religiões no Recife. O "espiritismo". In Assistência a Psicopatas de Pernambuco. p. 138-145.
- Ribeiro, R. & Lins, E. 1935. Quatro anos de atividade do Serviço de Higiene Mental. In Revista de Assistência a Psicopatas de Pernambuco. p. 71-77.
- de Almeida, A. A. S. 2007. "UMA FÁBRICA DE LOUCOS": PSIQUIATRIA X ESPIRITISMO NO BRASIL (1900-1950). Dissertação de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Lucena, J. 1978. Ulisses Pernambucano e Sua Escola de Psiquiatria Social. In Ciclo de Estudos sobre Ulisses Pernambucano. Academia Pernambucana de Medicina. Recife. p. 145-175.
- Padovan, M. C. 2007. AS MÁSCARAS DA RAZÃO: MEMÓRIAS DA LOUCURA NO RECIFE DURANTE O PERÍODO DO ESTADO NOVO (1937-1945). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Barretto, A. P. 1992. Ulisses Pernambucano, educador. In Psicol. cienc. prof. Vol.12. No.1. Brasília.